



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SUELI ULIAN MENDES

O Planejamento de Ensino no trabalho do professor de 5^a a 8^a séries em uma escola pública de Tamarana: dificuldades e possibilidades

SUELI ULIAN MENDES

O Planejamento de Ensino no trabalho do professor de 5ª a 8ª séries em uma escola pública de Tamarana: dificuldades e possibilidades

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.
Orientador(a): Prof. Drª Maura Maria Morita
Vasconcellos

SUELI ULIAN MENDES

O Planejamento de Ensino no trabalho do professor de 5ª a 8ª séries em uma escola pública de Tamarana: dificuldades e possibilidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador
Profª Drª Maura Maria Morita Vasconcellos

Prof. Componente da Banca
Profª Drª Cláudia Chueire de Oliveira

Prof. Componente da Banca
Profª Drª Ms Adriana Regina de Jesus Santos

Londrina, 12 de novembro de 2009.

Ao Deus da vida, que me proporcionou este momento de graça em minha vida.

A minha professora, da 1ª série do E. F., Olga Andrade Zaupa, que fez brotar em mim um amor especial a educação.

AGRADECIMENTO

Agradeço a todas as pessoas que passaram pela minha vida durante este processo de formação acadêmica, de modo especial a minha orientadora, Professora Maura Maria Morita Vasconcellos, a minha família e a todos que de uma forma ou de outra incentivaram-me, estimularam-me e encorajaram-me a seguir o meu caminho, mesmo mediante desânimo e cansaço.

Agradeço de maneira especial a minha amiga Maria de Lourdes Alves, que me apoiou ao longo do curso e partilhou de meus sucessos e dificuldades durante este período.

Agradeço também às Irmãs de Santa Ana, representadas pelas Irmãs Dalva Lúcia Monteiro e Henriqueta Zottarel, que foram muito especiais durante a minha vida e neste processo de formação.

E a Isabel Cristina de Souza, por tudo o que fez por mim, não só neste período, mas ao longo da minha vida.

Muito obrigada a todos vocês.

MENDES, Sueli Ulian. **O Planejamento de Ensino no trabalho do professor de 5ª a 8ª séries em uma escola pública de Tamarana: dificuldades e possibilidades.** 2009. 62 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Este trabalho trata do planejamento de ensino. Elegemos como problema de pesquisa: Quais as dificuldades encontradas pelos professores de 5ª a 8ª séries da Rede Pública na elaboração e desenvolvimento de seu planejamento de ensino? Estabelecemos como objetivo geral: analisar as dificuldades encontradas pelos professores da Educação Básica da Rede Pública em elaborar um planejamento escolar e aplicá-lo em seu dia-a-dia enfatizando a importância do planejamento para o trabalho docente. E como objetivos específicos: Aprofundar conhecimentos teóricos acerca do planejamento de ensino; verificar a concepção do professor sobre o planejamento de ensino; identificar suas dificuldades em planejar e aplicar atividade; discutir e analisar as dificuldades encontradas enfatizando a importância do planejamento para o trabalho docente. A pesquisa foi qualitativa, exploratória descritiva. Por meio de questionários e entrevista, consultamos professores de 5ª a 8ª séries e uma pedagoga de uma escola da rede pública de Tamarana. Ao verificar os dados coletados, constatamos tanto professores preocupados com a aprendizagem dos alunos, quanto professores preocupados mais em desenvolver o conteúdo proposto, sem ao menos se preocuparem se seus alunos estão assimilando o conteúdo ou não, e segundo a pedagoga, há ainda os professores que, frequentemente, improvisam suas aulas. Verificamos que muitos professores colocam a culpa da dificuldade, para desenvolver suas atividades em sala de aula, no mau comportamento, na falta de respeito e na falta de interesse dos alunos. A dificuldade encontrada não é a de planejar, mas de ensinar, de aplicar o conteúdo preparado aos alunos em sala de aula.

Palavras-chave: Planejamento de Ensino; Trabalho Docente; Sala de aula.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. PLANEJAMENTO DE ENSINO: ALGUNS APONTAMENTOS.....	05
2. PLANEJAMENTO DE ENSINO: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE	23
3. O PLANEJAMENTO DE ENSINO NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES CONSULTADOS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	52

INTRODUÇÃO

O tema escolhido, Planejamento de Ensino, está relacionado à história humana e cuja discussão busca atender as necessidades escolares, profissionais e pessoais.

Não nos foi necessário uma profunda avaliação do contexto escolar para observarmos a ocorrência de imprevistos deixando em evidência a falta de planejamento, ou pelo menos, a falta de um planejamento adequado à realidade. Contudo, considerando que a prática pedagógica acontece na relação professor/aluno, o planejamento deve, por consequência, apresentar um caráter flexível.

Depois de pensarmos em vários assuntos, optamos pelo tema por sua importância e pertinência à linha de pesquisa que pretendemos seguir. Foi dialogando com vários professores da Educação Básica da Rede Pública do Paraná, que percebemos a dificuldade que muitos deles possuem para elaborar e desenvolver o planejamento no seu dia-a-dia.

É imprescindível que diretores, pedagogos e professores planejem as atividades escolares e evitem que o improvisado vire regra na escola. Ao planejar suas atividades, respeitando sempre a realidade de seus alunos, estes profissionais favorecem o processo de ensino e aprendizagem.

O planejamento de ensino contribui também para a formação inicial do pedagogo, pois futuramente é nele que se fundamentará para orientar o docente sobre os planos de aula, o plano de ensino e o plano da escola em que vier a atuar.

Diante de tais preocupações, formulamos nosso problema de pesquisa da seguinte maneira: Quais as dificuldades encontradas pelos professores de 5ª a 8ª séries da Rede Pública na elaboração e desenvolvimento de seu planejamento de ensino?

Enquanto objetivo geral do estudo, propomo-nos analisar as dificuldades encontradas pelos professores da Educação Básica da Rede Pública em elaborar um planejamento escolar e aplicá-lo em seu dia-a-dia, enfatizando a importância do planejamento para o trabalho docente.

Como objetivos específicos estabelecemos:

- Aprofundar os conhecimentos teóricos acerca do planejamento escolar.
- Verificar a concepção do professor sobre o planejamento de ensino.
- Identificar suas dificuldades em planejar atividades e aplicá-las.
- Discutir e analisar as dificuldades encontradas, enfatizando a importância do planejamento para o trabalho docente.

Visando a realização de um trabalho pautado na prática escolar, optamos por uma pesquisa qualitativa, um estudo exploratório-descritivo e uma pesquisa bibliográfica sobre Planejamento de Ensino.

Durante a pesquisa, aplicamos um questionário para professores da rede pública de ensino de 5ª a 8ª séries e entrevistamos uma das pedagogas da escola, que está localizada no município de Tamarana.

Nesta pesquisa, procuramos, também, analisar as dificuldades que os professores encontram em planejar suas atividades diárias a serem desenvolvidas em sala de aula, com seus alunos.

Tendo em vista a essência das questões constituintes desta pesquisa e a idéia de que a escolha da metodologia se dá em conseqüência do problema formulado (Luna, 1994), a metodologia qualitativa foi considerada a melhor opção a ser utilizada, especialmente no que se refere às percepções, vivências e experiências do sujeito a ser avaliado, o aluno. A escolha do modelo qualitativo para esta pesquisa justifica-se também na afirmativa de Minayo (1994), pois este autor aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos e nas representações.

Nossa pesquisa pauta-se pelo modelo exploratório-descritivo que se utiliza do questionário como instrumento para coleta de dados. Segundo Richardson (1999), o questionário descreve as características e é capaz de medir variáveis em um grupo social, permitindo a observação e a análise dessas características.

Um outro instrumento utilizado foi a entrevista, pois o próprio Richardson (2007) afirma também que a proximidade entre as pessoas, a interação face a face, fornece condições essenciais para adentrar na mente, na vida do outro e, buscar uma definição.

Ao analisar as informações obtidas, optamos por seguir uma linha de pensamento em que prevaleceu a abordagem qualitativa por, conforme já citado,

manter uma aproximação com a proposta metodológica dialética de Minayo (1994), aqui delineada nos seguintes passos:

- a) ordenação, mapeamento de todos os dados obtidos na pesquisa de campo;
- b) classificação dos mesmos em categorias; identificação das estruturas relevantes dos atores sociais e determinação do conjunto das informações presentes na comunicação;
- c) análise final, buscando estabelecer articulações entre os dados obtidos e os referenciais teóricos da pesquisa, com objetivo de responder as questões da pesquisa com base nos objetivos propostos.

Este estudo está composto por dois capítulos. No primeiro apresentamos um estudo bibliográfico sobre o planejamento de ensino. O segundo está direcionado à análise das respostas do questionário feito com professores de uma escola da rede pública e de uma entrevista que foi realizada com uma das pedagogas da mesma escola.

No primeiro capítulo procuramos aprofundar conhecimentos teóricos acerca do planejamento escolar. Nele, apresentamos alguns autores que tratam da importância do professor em planejar suas aulas antes de entrarem em uma sala de aula.

No segundo capítulo tratamos do planejamento como um instrumento fundamental no cotidiano de todo professor, pois é através dele que se organiza as atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, que se estabelece o tempo que vai precisar, que se determina o método a ser utilizado para melhorar a aprendizagem e assimilação dos alunos e os recursos que o ajudarão na transmissão/assimilação do conteúdo. Ao elaborar seu planejamento, o professor deve levar em conta que a escola não se encontra isolada, mas inserida num contexto social, político, econômico e cultural. Planejar significa mais que preencher formulários, tendo em vista que ao ser colocado em prática envolverá pessoas. Antes mesmo de o professor fazer o seu planejamento, deve conhecer a realidade de seus alunos e confrontar os conhecimentos por eles já adquiridos com aqueles a serem adquiridos. O texto deixa claro que quanto mais detalhado o plano de ensino, mais eficaz é o seu seguimento e a sua execução.

No terceiro capítulo relatamos e analisamos, fundamentadas em alguns autores, o questionário aplicado aos professores de uma escola pública estadual e a entrevista feita com a pedagoga. Neste capítulo, buscamos Identificar suas dificuldades em planejar atividades e aplicá-las em sala de aula. O texto busca comprovar que muitos professores, segundo seus relatos, não conseguem fazer o seu planejamento na escola, outros dizem aproveitar o momento da “hora-atividade” para se programar. Para a realização das atividades, utilizam-se de pesquisas na biblioteca, em revistas, jornais, livros didáticos, atividades variadas, outras. Os professores reclamam muito da indisciplina em sala de aula, da falta de interesse dos alunos em aprender, da falta de pré-requisito.

1. PLANEJAMENTO DE ENSINO: ALGUNS APONTAMENTOS

Na concepção de Cardoso (2007), o homem planeja sua vida diariamente. Para ele, o planejamento é uma práxis que deve contemplar tanto o ideal a ser atingido como as ações a serem concretizadas.

Gandin (1997) defende a idéia de que existem planejadores, executores e avaliadores. Contudo, ele acredita que nesse grupo há poucos planejadores e muitos executores. Há pessoas dispostas apenas em mandar, estão sempre apontando a direção a ser seguida segundo seu pensamento. O sujeito dotado de consciência crítica, não se deixa levar por essa situação, ao contrário da pessoa ingênua ou mítica que vai se deixar manipular.

Ainda, segundo Gandin (1997), o planejar vai além do simples ato de fabricar planos, vai além do colocar idéias no papel, preparar atividade para serem executadas dentro ou fora da sala de aula. O planejamento não se reduz à elaboração, estende-se também à execução e à avaliação.

“O trabalho docente é uma práxis em que a unidade teoria e prática se caracteriza pela ação-reflexão-ação” (AZZI, 2000, p. 38). “O trabalho docente constrói-se e transforma-se no cotidiano da vida social” (AZZI, 2000, p. 39).

A docência, enquanto trabalho, é vista a partir de sua profissionalização. Esse trabalho vai se construindo e se transformando no cotidiano da vida social, buscando a transformação de uma realidade. Nesse contexto, o professor “[...] se objetiva, se constrói e participa da construção do processo educacional no bojo da sociedade na qual esse está inserido” (AZZI, 2000, p. 40).

Azzi (2000) afirma que o trabalho docente pertence à categoria geral de trabalho, mas ele se diferencia dos demais trabalhos em dois aspectos: por se tratar de um trabalho cujo processo está relacionado à atividade humana e aos meios de produção e por se tratar de uma atividade desenvolvida numa determinada instituição singular, onde o aluno consiste no principal objeto e sujeito do trabalho docente. Outros objetos de trabalho são os saberes escolar e o pedagógico. Eles também são instrumentais de trabalho, da mesma forma que os recursos utilizados no processo ensino-aprendizagem também o são.

Azzi (2000) concebe o trabalho docente como uma prática social, por ser ele a expressão do saber pedagógico, uma atividade que acontece no

contexto escolar. O ambiente da sala de aula é, ao mesmo tempo, rico em possibilidades e pleno de limitações. Por outro lado, ao entender a ação docente como trabalho, o professor esforça-se por buscar respostas criativas para as situações complexas que ele encontra em sala de aula. Achar ou não essas respostas vai depender muito da sua capacidade e habilidade de leitura da realidade por ele vivenciada e do contexto em que se encontra inserido, pois esse pode tanto facilitar como dificultar a sua prática.

As respostas do professor traduzem-se na sua forma de intervenção sobre a realidade em que atua: a sala de aula. Tais respostas, quando ainda não são o saber pedagógico, constituem o seu gérmen. O saber pedagógico – elaborado a partir do conhecimento e/ou saber que o professor possui e na relação estabelecida entre esses e sua vivência – identifica-se com a relação teoria-prática da ação docente; identifica-se com a sua práxis. É práxis, porque a intervenção do professor é feita tendo em vista objetivos que traduzem um resultado ideal (AZZI, 2000, p. 46).

A identificação do saber pedagógico com a práxis dá-se porque o professor se propõe a interferir e a transformar a realidade presente. E para que isso aconteça, essa realidade precisa ser conhecida e negada, para só depois ser transformada. Para que a realidade seja transformada, a práxis se faz necessária. Segundo Azzi (2000), o processo dessa transformação é semelhante ao que acontece com o aluno. “O aluno analfabeto deve ser transformado em um aluno alfabetizado” (p. 46), durante o processo de ensino, que acontece no cotidiano escolar.

Por meio da análise da prática docente, Azzi (2000) acredita ser possível uma aproximação do conceito do trabalho docente. Além da sala de aula, podemos compreender o processo do trabalho docente pelas falas, tanto dos professores como da supervisora. O trabalho docente identificado com a aula é bem amplo.

A aula, embora aconteça em um espaço e tempo determinados, é antecedida e sucedida por outros espaços e ações a que pertence como: a formação docente, o trabalho de planejamento, a avaliação, a cultura do professor, seus valores... (AZZI, 2000, p. 56).

No parecer de Libâneo (1994), o planejamento ajuda o docente a refletir e a avaliar o seu trabalho e, por isso, deve fazer parte do seu cotidiano, pois através dele é possível organizar o tempo, as atividades e o método utilizado em sala de aula. Para este autor, há três modalidades de planejamento: o da escola, o de ensino e o de aulas.

No planejamento, é preciso considerar que a escola encontra-se inserida em um contexto social, político, econômico e cultural. E é importante que o docente reflita sobre suas opções e ações pedagógicas para não desenvolver uma prática educacional voltada exclusivamente aos interesses das classes dominantes (LIBÂNEO, 1994).

Ensinar, lembra Garcia (2009), constitui a principal característica do professor e isso independe da turma, da série ou da escola onde trabalha. O fato é que para os professores que se preocupam com uma educação de qualidade, na visão de Azzi (2000), a formação torna-se fundamental para o desenvolvimento de um bom trabalho.

A dinâmica que se estabelece entre os elementos do trabalho docente evidencia não só a sua especificidade, a sua riqueza e a sua complexidade. Evidencia, também, a importância e a necessidade de um profissional qualificado para o exercício da função (AZZI, 2000, p. 41).

Para Azzi (2000), o professor só será capaz de enfrentar os desafios do processo ensino-aprendizagem e da Educação se dotado de autonomia didática.

A sala de aula é o espaço que o professor possui para trabalhar com seus alunos. É nesse ambiente que ele vai mostrar o seu trabalho, a sua capacidade, o resultado de sua formação. O sistema educacional vem exigindo um ensino de qualidade cada vez maior e, por conseqüência, professores mais preparados. Desta exigência decorre a necessidade de se investir na formação continuada dos professores, ou na formação de novos professores. Azzi (2000) acredita, porém, que “a manutenção do bom professor na escola e a atração de novos dependem de uma política de valorização docente” (p. 37).

A atividade de planejar vai além dos preenchimentos de formulários; deve ser um ato consciente, que tenha como referência a problemática social, a política e a cultura da escola e de todas as pessoas que interagem no processo de

ensino. Por isso é muito importante que o docente conheça a realidade em que está trabalhando, o aluno a quem ensina e tudo que está presente no seu cotidiano. Uma vez elaborado, o planejamento deve manter-se flexível e continuamente realimentado, tendo em vista que o trabalho docente está diretamente relacionado às pessoas e cujas histórias são diferentes umas das outras (LIBÂNEO, 1994).

Norteadado pelo planejamento, o professor percebe que sua função vai além de executar tarefas, deve também pensar o processo de ensino no contexto em que está atuando e enfrentar os vários desafios da sala de aula. No planejamento poderá encontrar alternativas diferentes e seguras para tentar resolver uma situação de conflito, sobretudo se de natureza pedagógica. Muitas vezes, o professor acaba recorrendo a sua criatividade para elaborar sua própria forma de intervenção na sala de aula, deixando de lado o conhecimento científico que possui. “Esse processo de elaboração do professor é ainda empírico, faltando-lhe uma organização intencional do saber que constrói” (AZZI, 2000, p. 44). Todo conhecimento construído implica investigação e sistematização.

Vale lembrar que “o planejamento não assegura, por si só, o andamento do processo de ensino” (LIBÂNEO, 1994, p. 225). Os planos devem estar ligados à prática e devem ser revistos e refeitos sempre que necessário. Através da ação docente, ao lidar com as situações concretas de ensino, o professor acumula experiências e se enriquece. É importante que a cada etapa do processo de ensino registre os novos conhecimentos e as novas experiências no seu plano de ensino e de aulas, para com isso ir criando e recriando sua própria didática. Dessa forma, poderá utilizar estes registros para enriquecer sua prática profissional e adquirir mais segurança em seu trabalho. Portanto, orientado pelo planejamento, é possível ao professor refletir e avaliar sua prática e saber qual a direção a ser seguida no processo educativo (LIBÂNEO, 1994).

Para Libâneo,

os principais requisitos para o planejamento são: os objetivos e tarefas da escola democrática; as exigências dos planos e programas oficiais; as condições prévias dos alunos para a aprendizagem; os princípios e as condições do processo de transmissão e assimilação ativa dos conteúdos (1994, p. 226).

A escola pública sofreu, ao longo da história, grandes mudanças. No passado, era organizada para receber os filhos das elites, que por já trazerem uma preparação recebida na família, não enfrentavam dificuldades na aprendizagem, por isso, contribuía para que obtivessem êxito nos estudos. Esse tipo de escola proporcionava uma formação geral e intelectual para esses alunos. Os pobres, a escola preparava para o trabalho físico, proporcionando-lhes poucos conhecimentos e desenvolvimento intelectual (LIBÂNEO, 1994).

A escola pública hoje, recebe um grande contingente de crianças e jovens pertencentes às classes populares. Essa realidade faz com que tanto a escola quanto os professores proporcionem a essa população uma educação geral, isto é, intelectual e profissional (LIBÂNEO, 1994).

Com o advento da escola democrática, possibilita-se a todas as crianças a assimilação de conhecimentos científicos e o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, entendendo, assim, prepará-las para participarem ativamente da vida social. Dessa forma, a escola contribui com a formação profissional, política e cultural de cada aluno (LIBÂNEO, 1994).

Através do planejamento, tanto a escola como os professores sabem que o trabalho docente pode prestar um efetivo serviço à população e tem condições de saber quais os conteúdos respondem às exigências profissionais, políticas e culturais da sociedade. Quanto mais universalizada for a escola, mais ela será democrática (LIBÂNEO, 1994).

A qualificação do docente é de fundamental importância para que ele realize um bom trabalho. Um profissional não qualificado obscurece o trabalho docente e justifica “a contradição entre a prática pedagógica do professor da escola pública e o discurso sobre esta prática” (AZZI, 2000, p. 41).

O trabalho docente é desenvolvido em instituições burocráticas e hierarquizadas, contudo deve ser inteiro, completo, sem fragmento, “pois o ato de ensinar, mesmo sendo composto por atividades diversas e podendo ser decomposto metodologicamente, só pode ser desenvolvido em sua totalidade” (AZZI, 2000, p. 42).

Em seu cotidiano, o professor, vai construindo o saber pedagógico, pois é esse saber que fundamenta o seu trabalho.

É o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua. A prática docente é, simultaneamente, expressão desse saber pedagógico construído e fonte de seu desenvolvimento (AZZI, 2000, p. 43).

Segundo Azzi (2000), o professor, por ser o responsável direto pela sala de aula, deve ser um profissional qualificado para exercer sua função. Quando qualificado, “possui conhecimento e saber pedagógico e tem compromisso com o processo de ensino-aprendizagem” (p. 56).

A qualificação do professor é de fundamental importância para a recuperação da escola pública. A sua formação é um fator relevante para a melhoria da qualidade do ensino público juntamente com “as decisões políticas mais amplas que apontem a melhoria das condições do trabalho docente” (AZZI, 2000, p. 57).

A atividade do professor, afirma Amigues (2004), está relacionada não somente aos alunos, mas a toda a instituição da qual ele faz parte, aos pais, funcionários e a outros profissionais. Isso quer dizer que a atividade docente não é um ato isolado, aplicado ao nada. Ela possui ferramentas de trabalho, como objetivos, por exemplo, é social e faz parte da história humana.

O professor escolhe a sua forma de trabalhar os conteúdos em sala de aula, a melhor maneira de transmitir aos seus alunos os conteúdos que eles devem assimilar, podendo, inclusive, escolher ferramentas não adequadas para aquela determinada sala, ou situação. No entanto, cabe a ele orientar a ação e reflexão do aluno, auxiliá-lo na construção do conhecimento, ser o mediador da aprendizagem. (AMIGUES, 2004).

De acordo com Amigues,

[...] a transformação de uma ferramenta em instrumento de pensamento, na situação de sala, pode provocar reorganizações cognitivas de maior ou menor relevância, a depender de cada aluno. Ela não ocorre de uma só vez nem no mesmo momento para todos os alunos, o que se traduz no engajamento diferenciado deles na tarefa, que é uma fonte de dificuldade profissional contínua para os professores (2004, p. 48).

“A transformação instrumental por parte dos alunos” (AMIGUES, 2004, p.48) não acontece de forma isolada. Eles estão em contato com professores, com colegas, que vão influenciá-los no desenvolvimento de ações, capacitando-os a

fazer uso das ferramentas para melhor aprender. É imprescindível que o professor realize ações coletivas com seus alunos.

Gerir a classe, organizar o trabalho do coletivo, talvez seja para o professor não apenas uma forma de ultrapassar uma dificuldade, mas também uma fonte de prazer e de satisfação profissional. Mas é sem dúvida também uma fonte de fadiga ligada a um esforço constantemente renovado de constituir o meio-aula e de manter sua atividade (AMIGUES, 2004, p. 49-50).

Assim como ao trabalho, à cidadania e à cultura, todo brasileiro, sem exceção, tem direito à educação escolar, direito, este, que tem sido deixado em segundo plano (LIBÂNEO, 1994).

Cabe ao poder público, no âmbito nacional, elaborar planos e programas oficiais de instrução, o que não quer dizer que a escola e os professores estejam dispensados de elaborar seus próprios planos, selecionar os conteúdos e os métodos a serem utilizados. Os programas oficiais funcionam como diretrizes gerais. Eles orientam a elaboração dos planos didáticos específicos (LIBÂNEO, 1994).

Por sua vez, além de cumprir as exigências requeridas pelos planos e programas oficiais, o professor deve reavaliar o plano, por ele elaborado, mediante os objetivos de ensino na realidade em que trabalha. Mesmo porque, todo plano de ensino prevê conteúdos que devem ser transmitidos ao aluno para que ele possa assimilá-los e transformá-los em instrumentos teóricos e práticos para a sua vida (LIBÂNEO, 1994).

Para Dalmás (1994), cada pessoa faz a sua própria história, do seu jeito, participa da construção da sociedade.

Todo indivíduo tem direito, mediante o exercício da liberdade responsável, a uma participação ativa na sociedade. Participando, ele se torna responsável e consciente dos atos que pratica nos âmbitos político, social, cultural e econômico. É neste sentido que os alunos precisam ser envolvidos no processo de decisão escolar, pois eles devem sentir-se responsáveis pelo ambiente em que se encontram, uma atitude que poderá ocorrer com a mudança na relação professor-aluno (DALMÁS, 1994).

Ao professor, cabe ajudar os alunos a alcançar os objetivos que eles têm formulados para a sua vida, enquanto seres humanos e é para esta direção que o Planejamento Participativo dentro do ambiente escolar deve apontar. A

participação responsável de cada aluno torna possível a concretização deste planejamento no dia-a-dia escolar. E para que essa participação aconteça, é preciso uma metodologia adequada para conduzir aos objetivos desejados e isso implica correr alguns riscos e conflitos dentro do processo participativo. O indivíduo está em constante planejamento. Ele está em contato direto com sua vida, mesmo de maneira informal. Através do planejamento, o indivíduo é capaz de organizar e disciplinar sua ação de forma responsável (DALMÁS, 1994).

Segundo Dalmás (1994), o planejamento deve envolver pessoas para a sua elaboração, visando sempre o desenvolvimento individual e comunitário, respeitando a pessoa com seus valores, sentimentos e situações tanto de ordem social, econômico, político e cultural. É por esse planejamento intervir na realidade que ele deve ser criativo e comunitário, respeitando o conhecimento e o discernimento do grupo que nele se encontra envolvido, mesmo porque a escola está inserida na sociedade.

Conhecer o aluno, a realidade em que ele vive, a linguagem por ele usada no seu meio, as condições de vida e de trabalho é essencial para o professor. É muito importante que o professor esteja disponível para aprender com a realidade, saber do aluno sobre sua vida cotidiana e fazer com que ele confronte seus conhecimentos já adquiridos com a informação transmitida pelos conteúdos escolares (LIBÂNEO, 1994).

“O planejamento da escola e do ensino dependem das condições escolares prévias dos alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 229), as quais, afirma o autor, o professor deve buscar conhece-las antes de introduzir matéria nova. Ao fazer o plano de ensino, o professor deve levar em conta a base anterior de seus alunos, proporcionar-lhes condições, incentivos e conteúdos capazes de fazer com que eles se concentrem e se dediquem ao trabalho.

Segundo Dalmás (1994), a escola está comprometida com a dominação e a exploração, alimenta a opressão e a injustiça. Uma educação libertadora, porém, pode transformar essa sociedade. Promove na pessoa um novo jeito de viver em sociedade, levando-a a participar não só da execução, mas também de todas as iniciativas da instituição escolar, busca continuamente uma participação ativa nas decisões e na realização das mesmas.

Para Dalmás (1994), o planejamento participativo deve, além de integrar escola-família-comunidade, busca a transformação da sociedade onde esta

escola encontra-se inserida e leva as pessoas a uma realização pessoal e profissional. O encontro de pessoas responsáveis, que buscam uma sociedade justa e solidária, provoca um crescimento tanto pessoal como comunitário, possibilitando assim uma educação escolar mais humana e mais participativa.

Dalmás (1994) acredita que através do planejamento participativo, que busca o crescimento pessoal e a transformação social, é possível renovar as estruturas e as relações da educação formal.

O plano da escola, segundo Libâneo (1994), é o plano pedagógico e administrativo da unidade escolar. É um guia de orientação para o planejamento do processo de ensino. Por isso, é imprescindível que os professores tenham-no sempre em mãos. É o planejamento que orienta o trabalho do professor e garante a unidade teórico-metodológica das suas atividades escolares.

A elaboração do plano da escola deve ter a participação de um ou mais membros do corpo docente e depois discutido. “O documento final deve ser um produto do trabalho coletivo, deve expressar os posicionamentos e a prática dos professores” (LIBÂNEO, 1994, p. 230).

“O plano de ensino é um roteiro organizado das unidades didáticas para um ano ou semestre” (LIBÂNEO, 1994, p. 232). Ele contém alguns componentes necessários como: justificativa, objetivos gerais, objetivos específicos, conteúdo, tempo provável e desenvolvimento metodológico.

Por sua vez, o plano de aula é um detalhamento do plano de ensino. É indispensável à preparação de aula, precisa ser registrado, pois, além de orientar o professor, possibilita a revisão e o aprimoramento do seu trabalho de ano para ano (LIBÂNEO, 1994).

Ao elaborar o plano de aula, o professor deve levar em conta que a aula é um período de tempo variável. Ele deve reler os objetivos gerais da matéria e a seqüência de conteúdos do plano de ensino, na preparação das aulas. Deve lembrar que cada tópico novo é uma continuidade do anterior. Deve desenvolver esse tópico numa seqüência lógica, na forma de conceitos, problemas, idéias (LIBÂNEO, 1994).

Enquanto planejamento escolar, muitas vezes, é visto apenas como uma técnica. Mas, além de técnica, ele é político e pedagógico, pois se referem às pessoas. Ao planejar, o docente deve levar em conta que há inúmeras pessoas na

organização em que está atuando e que várias atividades são realizadas ao mesmo tempo (CARDOSO, 2007).

Muitas vezes, o planejamento escolar contém muitos equívocos e neste caso ele pode mais atrapalhar do que ajudar os profissionais da educação. Não é raro encontrar profissionais que preferem viver no improviso ou copiar o planejamento do ano anterior (CARDOSO, 2007).

Na visão de Cardoso (2007), a escola deve preocupar-se com o desenvolvimento intelectual de todos os alunos, atualizando os conteúdos, transmitindo valores para que os mesmo possam ter boa qualidade de vida. Por isso, a construção do projeto político pedagógico em conjunto é importante, possibilita um trabalho efetivo que motiva a união entre todos do estabelecimento escolar.

Segundo Dalmás (1994), uma escola enquanto lugar de educação consciente, crítica, criativa e participativa só é possível desde que seus integrantes acreditem que nela exista um processo político de educação e promova mudança nas relações interpessoais e sociais.

O planejamento participativo, escreve Dalmás (1994), busca um crescimento pessoal e uma transformação social, torna possível a renovação das estruturas e das relações da educação formal

Segundo Turra (1992), nas últimas décadas, o desenvolvimento mundial sofreu grande aceleração. Com isso, surgiu a necessidade de novos conhecimentos, um aumento de atividades e as relações humanas foram intensificadas. E a compreensão da vida em sociedade exige reflexão e planejamento, para melhor compreender e julgar a realidade e para buscar uma organização e disciplina na ação humana.

Toda pessoa, em seu dia-a-dia, depara-se com situações que requerem planejamentos, os quais nem sempre estão formalizados, pois para as atividades diárias quase nunca são feitos. Isso porque são atividades rotineiras ou tradicionais que realizamos sem mesmo refletir no que estamos fazendo (TURRA, 1992).

Quando a atividade sai da rotina, então buscamos uma forma, um método para melhor realizá-las e com o fim de obtermos o resultado que desejamos. Um exemplo disso é quando vamos fazer compras. Antes de tudo, avaliamos

primeiro o que queremos comprar, somente depois, para melhor aproveitar o tempo, traçamos um itinerário. Depois vem a decisão sobre o que fazer e como fazer para realizarmos as compras. Em seguida, iniciamos o itinerário estabelecido para a realização da ação. Ao final, verificamos se conseguimos, ou não, comprar tudo o que tínhamos planejado (TURRA, 1992).

Assim acontece em todas as atividades que vamos realizar. Para obtermos êxito em qualquer atividade, é necessário que façamos um planejamento para orientar nossa ação. Turra define o planejamento “como um conjunto de ações coordenadas entre si, que correspondem para a obtenção de certo resultado desejado” (1992, p.12).

Atualmente, diversas idéias de planejamento vem sendo discutidas. Porém, os autores são unânimes em considerar o planejamento como “a previsão metódica de uma ação a ser desencadeada e a racionalização dos meios para atingir os fins” (TURRA, 1992, p.13).

A autora lembra ainda que o planejamento abrange uma grande quantidade de idéias. Porém, ele não traz uma fórmula mágica para solucionar problemas. Exige estudo científico cada vez maior para o favorecimento das metas a serem alcançadas e não pode ser pensado como pronto, imutável e definitivo. É preciso pensá-lo como meio de aproximação de determinada realidade, sujeito ao replanejamento quando não apropriado para enfrentar a realidade em que estamos inseridos.

Nessa perspectiva, o planejamento significa

processo que consiste em preparar um conjunto de decisões tendo em vista agir, posteriormente, para atingir determinados objetivos. Uma tomada de decisões dentre possíveis alternativas, visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente e econômica. (TURRA, 1992, p.13-14).

Segundo Gandin (1997), as pessoas, em geral, não estão tecnicamente capacitadas para planejar. Isso explica o fracasso de muitos planos. O planejamento nem sempre é levado a sério e, apesar de ser visto como uma proposta de mudança, de transformação e, às vezes, por falta de interesse dos profissionais envolvidos, acaba fracassando.

A escola é vista como o centro de educação sistemática, integrada, presente na comunidade. Ela deve oferecer aos seus alunos situações que os permitam desenvolver suas potencialidades de acordo com a fase em que se encontram, estimulando-os a uma ação. Também o aluno deve ser flexível, adaptar-se às transformações pelas quais o mundo vem passando. Por esse motivo, “o currículo de hoje deve ser funcional” (TURRA, 1992, p. 17).

Além de levar o aluno a aprender e de ajudá-lo a desenvolver suas habilidades, a escola deve oferecer, a ele, oportunidades, capacitá-lo para aplicar os conhecimentos adquiridos, deve proporcionar situações que o permita resolver problemas do dia a dia.

Conforme Turra (1992), o professor que deseja ter uma boa atuação em sala de aula tem que planejar bem suas atividades em diferentes graus de complexidade, para, em sala de aula, atender seus alunos. Para envolvê-los nas atividades propostas em sala, é necessário que o professor estimule-os a participar, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Em seu trabalho de pesquisa no campo educacional, Cunha (1996), vê na verbalização dos professores sobre como desenvolvem sua prática pedagógica, enquanto preparação e execução de seu ensino, um dos pontos mais importantes de sua investigação. Durante a entrevista realizada pela autora, muitos professores afirmaram que gostam muito do que fazem e se fosse preciso fariam novamente esta opção profissional. Eles revelaram que sentem prazer de estarem em sala de aula, de estarem com seus alunos. Esses professores são bem conceituados pelos alunos e essa relação de querer bem é recíproca.

Isto mostra que o comportamento do professor influencia o comportamento dos alunos e vice-versa. Cria-se uma empatia entre professor-aluno, fazendo com que os professores reconheçam que também eles aprendem muito com os alunos (CUNHA, 1996).

Ainda, segundo Cunha (1996), muitos professores são exigentes, pois acreditam ser eles os articuladores do processo de aprendizagem dos alunos. Alguns professores mencionaram a passividade dos alunos em sala de aula e, segundo eles, esta prática escolar é a principal responsável por esse tipo de comportamento, pois além de valorizar a passividade, valoriza também a obediência e a memória, dificultando o aluno a pensar.

Mesmo diante das dificuldades encontradas no dia-a-dia, os professores demonstraram afeto e valorização pela sua disciplina, pelo que ensina. Eles se preocupam muito com a relação teoria e prática. Partem da prática para a teoria, pois tudo que está próximo do aluno tem maior significado (CUNHA, 1996).

Os professores não têm a mesma idéia de prática. Alguns se referem a ela falando do que é familiar, do cotidiano, das experiências de seus alunos, outros se referem ao conhecimento adquirido em sala de aula (CUNHA, 1996).

Os professores, no que diz respeito à relação teoria-prática, através de sua própria prática, preocupam-se com a relação entre o dizer e o fazer. Eles procuram não deixar o seu discurso repetitivo e livresco, evitar uma postura tradicional, estimulando seus alunos à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, à inquietação, à ânsia de querer buscar sempre mais conhecimento do que aqueles obtidos em sala de aula (CUNHA, 1996).

Na opinião de Cunha (1996), os professores buscam sempre envolver os alunos, levando-os a construir cada vez mais o seu próprio conhecimento. Estão sempre criando novas situações para que isso aconteça. Eles utilizam a linguagem acadêmica e científica com seus alunos, enriquecendo assim o vocabulário dos mesmos.

Cada professor tem uma idéia diferente sobre planejamento. Alguns dizem que ele é necessário para desenvolver seu ensino com segurança. O fato é que cada um tem sua maneira própria de elaborar e de desenvolver seu planejamento. Uns elaboram o planejamento completo, com todos os seus elementos, outros escrevem tópicos, anotando somente o que vai executar na sala de aula (CUNHA, 1996).

Normalmente, os professores planejam, mas para eles o planejamento não tem muito significado, são apenas documentos burocráticos. E mesmo não tendo o planejamento, os professores dão importância ao estudo, à revisão que fazem de seu fazer em sala de aula (CUNHA, 1996).

A maioria dos professores parte da prática para a teoria em seus procedimentos didáticos. Cada um usa seu próprio método de ensino, uns utilizam apostilas, outros partem da realidade dos alunos, outros ainda, de uma maneira dinâmica e descontraída, leva os alunos à reflexão (CUNHA, 1996).

Quanto aos objetivos, alguns professores acreditam que devem ser claros e coletivos, outros preferem conhecer seus alunos, sua história, suas perspectivas, para depois delinear os objetivos da disciplina. Para eles, avaliar os alunos é extremamente necessário. E para que aconteça a avaliação, traçam objetivos como autoavaliação, prova de consulta, estudos de casos, etc. (CUNHA, 1996).

Cada professor, de uma forma ou de outra, procura motivar seus alunos para que a aprendizagem aconteça. O que ficou claro nessa pesquisa foi que “o professor não faz uma análise reflexiva de sua própria prática, não estabelece relações entre o seu fazer e um pressuposto teórico (político-filosófico) que está por trás de seu discurso” (CUNHA, 1996, p.121).

Com o planejamento, contudo, o professor tem condições de prever os resultados que pretende alcançar com determinada atividade e definir quais os meios ele deve usar para realizá-la. Ele tem grande responsabilidade em ensinar seus alunos e sua eficácia depende em grande parte da organização, da coerência e da flexibilidade de seu planejamento (TURRA, 1992).

O planejamento pode ser individual e/ou coletivo, isto é, cooperativo. O planejamento cooperativo é feito por um grupo de professores que estabelecem linhas comuns de ação, visando atingir resultados bastante semelhantes. Esse tipo de planejamento favorece certo crescimento profissional (TURRA, 1992).

Segundo Turra (1992), o professor, ao planejar suas aulas, deve estar familiarizado com o conteúdo a ser trabalhado, selecionar o que é importante para seus alunos e adaptar o conteúdo às necessidades e interesses de seus alunos. As aulas devem ser planejadas de acordo com os recursos a serem utilizados em sala. Cada escola tem sua maneira de trabalhar e o professor tem que adaptar-se ao meio em que está atuando.

O planejamento é uma etapa obrigatória para o trabalho docente. Ele dá segurança ao professor na execução das atividades previstas e seu intuito é o de alcançar determinados objetivos, mostrar a qualidade e quantidade do ensino do professor e da escola. Durante o período letivo, o professor pode organizar três tipos de planos de ensino: plano de curso; plano de unidade; plano de aula (TURRA, 1992).

O professor é, ao mesmo tempo, profissional, planejador e organizador. Profissional enquanto prescreve tarefas dirigidas aos seus alunos e a

ele mesmo. Planejador enquanto pensa nas ações futuras da aprendizagem de seus alunos. Organizador enquanto organiza suas tarefas e de seus alunos ao mesmo tempo (AMIGUES, 2004).

O professor deve levar o aluno a estabelecer uma relação cultural com um objeto de conhecimento para que essa relação modifique sua relação pessoal com esse conhecimento. Eis o objetivo da atividade do professor. Organizar um meio de trabalho coletivo para que essa relação aconteça (AMIGUES, 2004).

Segundo Amigues (2004), para o professor, a aprendizagem, a longo prazo, acontece no ano escolar e tem a intenção de desenvolver noções ou competências que são objetos de uma avaliação. A médio prazo, visa construir conhecimentos suficientes para dominar um conhecimento particular. “A curto prazo, envolve a apropriação de ferramentas ou de uma técnica operatória relacionadas com um uso local finalizado” (AMIGUES, 2004, p. 50).

Para o aluno, “o desenvolvimento temporal do ensino suscita atividades cognitivas que não poderiam ocorrer sem ele” (AMIGUES, 2004, p. 50). Durante a aula, é possível rever alguns conceitos, fazer algumas reformulações para mais tarde, fora do tempo de ensino, apropriar e reorganizar seus conhecimentos.

O autor diz também que “a aprendizagem escolar não se esgota na atividade de ensino que a gera, assim como o trabalho do professor não pode ser analisado a partir do desempenho escolar dos alunos” (AMIGUES, 2004, p.51).

O resultado da atividade do professor não é, propriamente falando, a aprendizagem dos alunos, mas a constituição de meios de trabalho, primeiro para que os professores concebam seu próprio trabalho e, em seguida, para os alunos, que devem se engajar em atividades de conceitualização (AMIGUES, 2004, p. 51).

Todo plano é um guia de orientação. Nele, são estabelecidas as diretrizes e a forma como o trabalho docente deve ser realizado. O plano tem a função de orientar a prática do professor, por isso deve ser flexível, passar por constantes revisões, estar em permanente movimento, especialmente os planos de ensino e de aulas (LIBÂNEO, 1994).

Na opinião de Libâneo (1994), a elaboração do plano deve obedecer a uma ordem sequencial, progressiva, cujos objetivos para serem alcançados são necessários vários passos que devem ser dispostos numa sequência lógica.

A objetividade é fundamental em um plano que deve corresponder à realidade onde vai ser aplicado. Por isso, conhecer a realidade escolar e humana em que está atuando é importante. É conhecendo as limitações da realidade que se torna possível tomar decisões que permitem superar as condições existentes (LIBÂNEO, 1994).

Em um plano, a coerência entre os objetivos gerais, específicos, conteúdos, métodos e avaliação tem de ser levada em consideração. É necessário que haja coerência entre idéia e prática e ligação lógica entre os componentes do plano (LIBÂNEO, 1994).

Além da coerência, o plano deve ter flexibilidade. Como o professor está sempre organizando e reorganizando o seu trabalho, o plano está sempre sujeito a alterações, pois a realidade está sempre em movimento (LIBÂNEO, 1994).

Segundo Karling (1991), o ato de planejar qualquer ação consiste em pensar no que se espera fazer, prevendo uma ação futura, em imaginar os passos que serão dados para realizar determinada ação. Planejar é prever o que de fato se pretende fazer e como fazer, escolhendo o modo mais adequado para se realizar alguma atividade, tendo em vista alcançar o objetivo proposto.

O planejamento faz parte da vida humana. Sem ele, ficamos sem direção e sem saber como agir. Através do planejamento, analisamos e refletimos sobre a nossa realidade e prevemos alternativas de ação para superarmos as dificuldades ou alcançar os objetivos propostos. Podemos definir o planejamento como “um processo mental que envolve análise, reflexão e previsão” (HAYDT, 2006, p. 94).

Assim como cada pessoa, em seu dia a dia, necessita de planejamento, no âmbito escolar não é diferente. É necessário planejar sempre para não correr o risco de cair no imprevisto. Através do planejamento, o professor sabe como direcionar sua atividade em sala de aula.

Para Karling,

planejamento em ensino é a previsão dos resultados ou objetivos educacionais, gerais, ou específicos que se pretende alcançar, seguidos da previsão do conteúdo, dos procedimentos de ensino e dos meios auxiliares necessários para alcançá-los. No planejamento,

deve ser considerado, também para quem se vai planejar, o tempo necessário para se alcançar os objetivos (1991, p. 302).

No conceito de Karling (1991), planejamento e plano são coisas distintas. O planejamento é dinâmico e o plano é estático. O planejamento é o processo usado para se fazer o plano e o plano é o planejamento pronto, passado no papel, contém objetivos e o que se pretende alcançar com ele.

Haydt (2006), no entanto, define o plano como o resultado, a culminância do processo mental de planejamento, que pode ou não ser escrito.

Há vários níveis de planejamento. Entre os principais estão o planejamento educacional, o planejamento escolar, o planejamento curricular e o planejamento de ensino (HAYDT, 2006).

O planejamento de ensino é a previsão das ações e procedimentos que o professor vai realizar junto a seus alunos, e a organização das atividades discentes e das experiências de aprendizagem, visando atingir os objetivos educacionais estabelecidos. Nesse sentido, o planejamento de ensino ou didático é a especificação e operacionalização do plano curricular (HAYDT, 2006, p. 98).

Ao fazer o seu planejamento, o professor antecipa todas as etapas do seu trabalho escolar de forma organizada. Nele, identifica os objetivos que pretende alcançar, os conteúdos que serão trabalhados em sala de aula, os procedimentos e as estratégias que irá utilizar e quais os instrumentos de avaliação irá empregar (HAYDT, 2006).

Segundo Karling (1991), o planejamento evita improvisação. Com ele, é possível ter claro o que se pretende e como alcançar determinado objetivo. Ele proporciona segurança ao professor. “Planejamento tem-se seqüência nas atividades e na aprendizagem. Prevê-se aquilo que precisa ser conhecido para ser possível uma nova aprendizagem” (p. 304).

Enfim, a importância do planejamento está no fato de que ele permite a organização das atividades que devem ser realizadas. Ele é fundamental no âmbito escolar, deve ir além do papel, ser vivo, dinâmico, flexível, estar em contínuo processo de construção e possível de ser aplicado no cotidiano escolar. O

planejamento ajuda o professor a evitar os imprevistos, a avaliar, refletir e organizar o seu trabalho em sala de aula. Nele, a realidade da escola, do aluno, seu contexto sócio-cultural devem estar presentes. O professor deve ter consciência que o planejar vai além de registrar no papel o que vai ser realizado em sala de aula. Ao planejar, o professor seleciona o conteúdo a ser trabalhado e a metodologia a ser utilizada para favorecer a assimilação do aluno. O professor deve ajudar o aluno a construir o seu conhecimento a partir do que ele já adquiriu no decorrer de sua vida, de sua história. O professor tem um papel fundamental na vida de seus alunos, pois ele é o mediador da aprendizagem.

2. PLANEJAMENTO DE ENSINO: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Para Libâneo (1994), muitos professores entendem o trabalho docente simplesmente como passar a matéria do programa presente no livro didático. E mesmo que muitos livros didáticos já tragam a estruturação da aula, o ensino detém-se na seqüência da matéria, deixando de estimular a atividade mental dos alunos. A estruturação da aula deve explicitar o trabalho ativo e em conjunto de professor e alunos. O professor direciona as atividades para que os alunos assimilem conscientemente os conhecimentos a eles transmitidos, desenvolvendo suas habilidades e levando-os a adquirirem uma maior capacidade cognitiva.

Libâneo (1994) identifica cinco momentos de metodologia do ensino na aula, articulados entre si.

1) Orientação inicial dos objetivos de ensino e aprendizagem: O professor apresenta aos alunos os objetivos da aula e quais os resultados que pretende alcançar. Busca incentivar os alunos a estudarem com o fim de capacitá-los para dominarem um novo conhecimento. Para alcançar os objetivos inicialmente determinados, o professor procura dialogar com seus alunos, incitar a sua curiosidade, rever exercícios já resolvidos, levá-los a relacionar o conhecimento já aprendido com o novo que lhes está sendo apresentado.

2) Transmissão/assimilação da matéria nova: Depois de suscitar a atenção dos alunos, o professor apresenta a matéria a ser aprendida. Esta apresentação pode ser feita de várias formas: através do diálogo, da discussão, do livro didático, através de experimentos, etc. “O objetivo desta fase é que os alunos formem idéias claras sobre o assunto e vão juntando elementos para compreensão” (LIBÃNEO, 1994, p. 97). É muito importante a ligação entre o que o aluno já sabe e o conteúdo que ele vai aprender. Isto torna possível, ao aluno, operar mentalmente os conhecimentos.

3) Consolidação e aprimoramento dos conhecimentos, habilidades e hábitos: “No processo de percepção e compreensão da matéria já vai ocorrendo a assimilação de conhecimentos” (LIBÃNEO, 1994, p. 98) para, somente depois, ocorrer a consolidação e o aprimoramento através da atividade mental do aluno, que, aliás, acontece quando o aluno faz exercícios e recorda a matéria que ele já

aprendeu. “[...], tarefas de casa, provas de revisão etc. são um meio insubstituível para aprimorar os conhecimentos, formar habilidades e hábitos, desenvolver o pensamento independente e criativo” (LIBÃNEO, 1994, p. 98). Eis a importância dos exercícios.

4) Aplicação de conhecimentos, habilidades e hábitos: As atividades práticas, os exercícios, as revisões não são suficientes para que ocorra a assimilação dos conteúdos. É preciso que os alunos aprendam também a utilizar os conhecimentos em situações diferentes daquelas que já foram trabalhadas. A assimilação deve levá-los a terem capacidade de serem críticos, capazes de fazer síntese, estabelecer comparação durante as tarefas oferecidas pelo seu cotidiano.

5) Verificação e avaliação dos conhecimentos e habilidades: “A verificação e avaliação dos resultados da aprendizagem ocorrem em todos os momentos do processo de ensino, [...]” (LIBÃNEO, 1994, p. 98). Durante todo o tempo em que estão na sala de aula, o professor deve ficar atento ao aluno e avaliar o seu processo mental. Através da avaliação final, o professor tem a oportunidade de verificar o nível de assimilação conseguido pelos seus alunos e quais capacidades cognitivas foram desenvolvidas ao longo do processo de ensino.

“O planejamento é um processo que envolve operações mentais como: analisar, refletir, definir, selecionar, estruturar, distribuir ao longo do tempo, prever formas de agir e organizar”, escreve Haydt (2006, p. 99), e continua:

a culminância, ou melhor, o resultado do processo de planejamento da ação docente é o plano didático. Em geral, o plano didático assume a forma de um documento escrito, pois é o registro das conclusões do processo de previsão das atividades docentes e discentes (HAYDT, 2006, p. 99).

Na visão da autora, a importância de o professor registrar por escrito o seu plano consiste em não esquecer o que planejou para aquela turma. Muitas vezes, o professor não faz o seu plano por escrito, mas prepara sua aula mentalmente, até mesmo as atividades a serem aplicadas, correndo o risco de se perder ao executar o que planejou, esquecer os procedimentos por ele definidos, podendo prejudicar todo o processo de assimilação de seus alunos.

Cada professor faz as anotações a sua maneira. O importante, porém, é fazê-lo de modo simples, claro e preciso, pois,

[...], planejar é prever os conhecimentos a serem trabalhados e organizar as atividades e experiências de ensino-aprendizagem consideradas mais adequadas para a consecução dos objetivos estabelecidos, levando em conta a realidade dos alunos, suas necessidades e interesses (HAYDT, 2006, p. 106-107).

Ao fazer o seu plano, o professor deve prever o tempo necessário para o desenvolvimento das atividades por ele preparadas. Se ele não prever o tempo necessário corre-se o risco de ficar preso a um determinado conteúdo esquecendo-se dos outros (KARLING, 1991).

Na aplicação das atividades, o professor deve utilizar técnicas eficazes para levar os alunos a compreender o conteúdo e não ficar preso àquelas técnicas com as quais ele já está acostumado e que são mais fáceis. O ato de planejar leva o professor a sair da rotina (KARLING, 1991).

Na opinião de Karling (1991), o conteúdo deve ser escolhido pelo professor a partir das exigências dos alunos e da sociedade. Um professor habilidoso sabe conciliar os interesses dos alunos em aprender com seu planejamento já elaborado. “O planejamento visa à obtenção de resultados de forma eficiente, intensa, rápida e segura” (p. 305).

Mesmo que tenhamos que fugir do planejado, é importante ter feito o planejamento. O que importa é tornar a aprendizagem eficiente, sem perda de tempo para os alunos. Se estes se inclinarem para outro rumo, e o professor julgar isso de utilidade, dêem-se asas aos alunos (KARLING, 1991, p. 305).

No conceito de Karling (1991), as etapas do planejamento são quatro: conhecimento da realidade, elaboração do plano, execução do plano e avaliação do plano.

- Conhecimento da realidade: É de fundamental importância conhecer a realidade em que se está trabalhando. É necessário conhecer a realidade do aluno, da escola e do professor. Saber a quem o plano de aula vai ser

dirigido, como vai ser executado e quais as possibilidades de dar certo (KARLING, 1991).

com relação ao aluno, precisamos conhecer seu estado de saúde, de nutrição, seus interesses, necessidades, aspirações, possibilidades e vontades. É preciso verificar seu grau de maturidade, seu nível cultural, suas características, suas experiências, enfim, seu grau de prontidão (KARLING, 1991, p. 306).

O professor deve levar em conta o tempo de que o aluno dispõe para estudar e quais as suas condições financeiras para comprar os materiais necessários para as atividades em sala e fora dela. É importante levantar dados sobre o que ele já sabe, o que lhe falta aprender e o que é capaz de aprender. O professor deve também, levantar dados sobre a comunidade de que o aluno faz parte. Deve conhecer seus problemas, suas necessidades e suas tendências (KARLING, 1991).

Em relação à escola, é necessário que o professor analise primeiramente o currículo, os meios de facilitação da aprendizagem por ela oferecidos, como por exemplo, biblioteca, laboratório, a estrutura, o tamanho da escola e o mínimo de alunos da classe. Depois disso, o professor deve examinar sua formação, suas qualidades, sua disposição, sua saúde e sua segurança (KARLING, 1991).

Há várias formas de obter as informações necessárias de que o professor precisa para conhecer a realidade do aluno: pré-testes, sondagem do ano anterior, entrevistas com alunos, visitas às famílias, conversa com os pais, observação das suas condições culturais e socioeconômicas. Tais informações poderão, além de, contribuir com a aprendizagem e com o processo de educação do aluno, permitir a identificação do que pode ser feito para buscar melhorias em sua vida e na sociedade. (KARLING, 1991).

Quanto ao plano de ensino, cada professor deve elaborar o seu, segundo as características de cada turma. Para cada turma é preciso fazer um plano de ensino, que não deve ser copiado por outro professor e nem ser usado no ano seguinte (KARLING, 1991).

Elaboração do Plano: Karling (1991) entende o plano como planejamento escrito e constituído de cinco componentes: Determinação dos objetivos, Seleção e organização do conteúdo, seleção e organização dos procedimentos de ensino, Seleção dos meios auxiliares, Seleção dos meios de avaliação. Esses componentes, só poderão garantir o desenvolvimento de um bom trabalho se estiverem interligados. Eles devem ser elaborados a partir da realidade a ser trabalhada.

Determinação dos Objetivos: Sem os objetivos não é possível saber o que se pretende alcançar com os conteúdos e as atividades aplicados em sala de aula. São eles que orientam todo o trabalho docente. É necessário que o professor tenha claro que tipo de sociedade e de homem se pretende formar. Isso facilita a determinação dos objetivos e o planejamento de suas aulas (KARLING, 1991).

Os objetivos do plano de ensino devem estar de acordo com a série do aluno, com o nível da turma e com a realidade diagnosticada. Neste plano, contempla-se objetivos gerais e específicos (KARLING, 1991).

Objetivos gerais são aqueles que devem ser alcançados em longo prazo e por todos os professores daquela determinada turma. Os específicos são aqueles próprios de determinada matéria ou disciplina trabalhada por determinado professor. Tanto em um como no outro, devem ser levados em consideração os aspectos afetivos e psicomotores. Há, também, os objetivos detalhados, um desdobramento dos objetivos específicos e devem ser alcançados em curto prazo. “Com o alcance dos objetivos detalhados um a um, deve-se alcançar os objetivos específicos” (KARLING, 1991, p. 309).

Seleção e Organização do Conteúdo: “O conteúdo deve ser considerado como um dos ingredientes para se alcançar os objetivos, e não o objetivo em si. Conteúdo é meio e não objetivo de ensino” (KARLING, 1991, p. 309).

Todavia, o conteúdo deve ser selecionado pelo professor de acordo com os objetivos que ele pretende alcançar. Esse conteúdo deve ser flexível e amplo, para dar oportunidade aos alunos de escolherem o que mais lhes chama a atenção. É importante que o professor valorize o conhecimento já construído pelos alunos e aproveite aquele que é útil e do seu interesse (KARLING, 1991).

O professor é quem deve elaborar o seu programa de ensino, conforme a realidade a ser trabalhada e os objetivos que pretende alcançar. Ele pode, junto com outros professores, da mesma disciplina, preparar o seu próprio programa. “Receber programas prontos ou copiar de outros é demonstrar despreparo ou subserviência” (KARLING, 1991, p. 310). E o conteúdo só deve ser selecionado depois que os objetivos já estiverem estabelecidos.

Seleção e Organização dos Procedimentos de Ensino: “Procedimentos são as técnicas com as quais os alunos vão trabalhar, as estratégias, as atividades e as experiências que os alunos vão realizar para alcançar os objetivos” (KARLING, 1991, p. 310). Cada técnica pode ser atenciosamente planejada. É neste momento que podem ser descritos os conteúdos a serem trabalhados, os meios que serão utilizados para os mesmos e quais as formas de trabalhar a avaliação. Todas as atividades planejadas devem estar de acordo com a faixa etária e o nível de aprendizagem dos alunos, sempre apropriadas aos objetivos que se pretende alcançar. E quando possível, uma mesma atividade deve ser trabalhada com o fim de alcançar objetivos diversos:

os objetivos também não poderiam ficar soltos. Eles precisam ter relação um com o outro e ser devidamente “costurados”, estruturados. Para que isso aconteça, usam-se técnicas apropriadas, tais como a discussão, o debate, a solução de problemas ou projetos (KARLING, 1991, p. 311).

Os procedimentos escolhidos na execução de atividades a serem trabalhadas devem prever a ação dos alunos, devem ajudá-los a desenvolver uma aprendizagem de qualidade, “que desenvolvam neles a capacidade de pensar, raciocinar, distinguir, relacionar, concluir e criar” (KARLING, 1991, p. 311). Esses procedimentos devem facilitar a compreensão e a integração da aprendizagem dos alunos e levá-los a formular seus conceitos, deixando de reproduzir as ideias e os conceitos presentes nos livros.

Seleção dos Meios Auxiliares: O material didático ou recursos de ensino devem ser escolhidos conforme os objetivos propostos. “Pode também ser descrito, com detalhes, como vão ser utilizados esses recursos. Essa descrição pode ser feita juntamente com as técnicas e com o conteúdo” (KARLING, 1991, p. 311).

Seleção dos Meios de Avaliação: Para avaliar os alunos é preciso escolher formas de verificar se eles estão ou não progredindo. Se os objetivos propostos no plano estão sendo alcançados. Ao escolher a forma de avaliação, o professor deve escrever em seu plano de maneira clara. E os alunos devem ser informados acerca dos critérios de avaliação a que serão submetidos (KARLING, 1991).

Para os objetivos da parte psicomotora e afetiva, a melhor forma de avaliação é a observação direta das atividades, do comportamento e das habilidades dos alunos. Para os objetivos da área cognitiva, são mais usados testes, provas, exercícios e trabalhos (KARLING, 1991, p. 312).

- Execução do plano: Depois de concluir o plano, ou projeto, dá-se o início da sua execução. “O plano sempre deve estar presente no pensamento dos seus executores, para orientar e direcionar suas atividades” (KARLING, 1991, p. 312).

Karling (1991) compara a educação com a construção de uma casa. Para construir uma casa, o construtor se orienta pelo projeto. Junta os materiais necessários para a sua construção, combina as proporções certas e nada é jogado aleatoriamente, tudo é feito conforme o planejamento que ele tem em mãos. O construtor deve prestar muita atenção, ter imaginação e habilidade para realizar uma construção. “Depois do material combinado, e a casa pronta, o cimento não é mais cimento, a areia não é mais areia: o tijolo, o ferro e o arame desaparecem. Tudo junto e amarrado deu à matéria nova estrutura e nova forma” (KARLING, 1991, p. 313).

“Em educação, ocorre quase o mesmo. Temos em mente a construção do homem. Mas este não pode ser construído tão rapidamente como uma casa. Ele é formado em várias etapas” (KARLING, 1991, p. 313).

Ao identificar a etapa em que se encontram seus alunos, o professor começa a construir mais uma etapa do homem planejado. Ele apresenta ao aluno o conteúdo, a matéria e forma uma nova estrutura em sua mente; através de informações, idéias, conhecimentos e experiências, “amarra tudo através dos meios auxiliares, das técnicas e das atividades” (KARLING, 1991, p. 313).

Assim, “forma-se uma nova estrutura na mente do aluno. As idéias, as informações e as experiências, que são a matéria, não são mais as mesmas. Foram transformadas em atitudes, em novos conceitos, em novos comportamentos” (KARLING, 1991, p. 313). Em educação, o construtor é o próprio aluno e o professor é o mediador do processo.

Ao professor cabe prover os meios, facilitar a integração entre conteúdo, técnicas, meios auxiliares, com vistas aos objetivos; e facilitar aos alunos a percepção de seu progresso através da avaliação. É o trabalho, é a ação do professor com seus alunos. Assim, ele estará executando o plano que fez (KARLING, 1991, p. 313).

- Avaliação do plano: “Avaliar um plano e verificar se alcançou ou não os objetivos; é verificar o que deu certo e o que deu errado; é descobrir quais são suas falhas, o que faltou e em que poderia ser melhorado” (KARLING, 1991, p. 313).

Ao avaliar um plano, é preciso ter claro se os objetivos foram alcançados. Caso tenha sido, sem muita perda de tempo, então, ele é bom. Se não, este plano precisa ser avaliado e depois revisado (KARLING, 1991).

“No ensino, o melhor termômetro para se avaliar um plano é a aprendizagem dos próprios alunos. Se a aprendizagem for de boa qualidade e quantidade, conclui-se que o plano seja bom” (KARLING, 1991, p. 314).

Se o professor percebe que o nível da aprendizagem não é satisfatório, se os alunos estão indo mal nas avaliações, ele deve reavaliar o seu plano. Segundo Karling (1991), “reavaliar o plano é analisar cada um de seus componentes: objetivos, procedimentos de ensino, meios auxiliares e avaliação. O próprio professor precisa ser avaliado” (p. 314).

O professor deve estar atendo para não colocar em seu plano objetivos de nível muito elevado e difíceis de serem alcançados por determinada turma. Os objetivos devem ser compatíveis com o nível da série e da turma e o professor deve cuidar para não escolher conteúdo difícil demais ou fácil demais, incapazes de levar o aluno a se sentir desafiado a aprender coisas novas. O conteúdo deve estar “adequado à turma, ser útil, significativo e adequado aos objetivos” (KARLING, 1991, p. 314).

Na verdade, objetivos, conteúdo, procedimentos de ensino, meios auxiliares devem estar de acordo com a realidade e o nível da turma, caso contrário, o plano estará fadado ao fracasso. O plano deve ser avaliado durante sua execução. É a avaliação em processo, que torna possível ao professor perceber se há falhas ou não. E caso o professor perceba qualquer falha, poderá fazer alterações imediatamente. “É por isso que o plano tem que ser flexível: para poder haver replanejamento, sempre que necessário” (KARLING, 1991, p. 314-15).

“Avaliar o plano depois de executado pode servir, eventualmente, para a turma do ano seguinte ou para corrigir falhas do professor no plano de unidade a ser feito para a etapa seguinte” (KARLING, 1991, p. 315).

Haydt (2006) identifica três tipos de planejamento didático ou de ensino: planejamento de curso; planejamento de unidade didática ou de ensino; planejamento de aula.

- Planejamento de Curso: “[...] é a previsão dos conhecimentos a serem desenvolvidos e das atividades a serem realizadas em uma determinada classe, durante um certo período de tempo [...]” (HAYDT, 2006, p. 100). É o resultado do trabalho docente e discente durante o ano ou semestre letivos. Este plano “é um desdobramento do plano curricular” (HAYDT, 2006, p. 100).

- Plano de unidade: Piletti (*apud* Haidt, 2001), estabelece três etapas ao fazer um planejamento:

Apresentação: o professor deve identificar e estimular os interesses do aluno, procurando aproveitar ao máximo os conhecimentos que ele adquiriu nos anos anteriores e relacionar estes conhecimentos com os conteúdos que irá trabalhar ao longo do ano. Dentre as atividades sugeridas para esta etapa podemos citar os pré-testes, como meio de sondar o que já aprenderam; o diálogo com os alunos; a aula expositiva para introduzir o tema que vai ser trabalhado, a apresentação do material didático. É fundamental que sempre comunique aos alunos os objetivos que se pretende alcançar com aquele assunto.

Desenvolvimento: Nesta etapa, o professor deve organizar e apresentar “situações de ensino-aprendizagem que estimulem a participação ativa dos alunos, tendo em vista atingir os objetivos específicos propostos (conhecimentos, habilidades e atitudes)” (HAIDT, 2006, p. 101).

Integração: Momento em que o professor deve levar os alunos a fazerem uma síntese de tudo o que aprenderam, de todos os “conhecimentos trabalhados durante o desenvolvimento da unidade” (HAIDT, 2006, p. 101).

- Planejamento de aula: “[...] o professor especifica e operacionaliza os procedimentos diários para a concretização dos planos de curso e de unidade” (HAIDT, 2006, p. 102).

[...], o plano de aula deve estar adaptado às reais condições dos alunos: suas possibilidades, necessidades e interesses.

Ao elaborar o seu plano de aula, o professor deve levar em conta as características dos alunos e partir dos conhecimentos que eles já possuem. Por isso, é importante que o professor faça uma sondagem do que os alunos já sabem sobre os conhecimentos a serem desenvolvidos (HAYDT, 2006, p. 103).

Segundo Haydt (2001), um plano para ser considerado adequado deve ter “coerência e unidade; continuidade e seqüência; flexibilidade; objetividade e funcionalidade; clareza e precisão” (p. 106).

Para Turra, no entanto,

o professor ao planejar o ensino antecipa, de forma organizada, todas as etapas do trabalho escolar. Cuidadosamente, identifica os objetivos que pretende atingir, indica os conteúdos que serão desenvolvidos, seleciona os procedimentos que utilizará como estratégia de ação e prevê quais os instrumentos que empregará para avaliar o progresso dos alunos (1992, p. 49).

Pautado na realidade de seus alunos, o professor, faz seu plano de aula e com eles compartilha a responsabilidade de sua execução. Durante as aulas, os alunos manifestam “suas necessidades de interrogar, buscar, conhecer, assimilar e desenvolver-se como um todo integrado” (TURRA, 1992, p. 49).

A avaliação, depois de concretizado o plano de aula, é fundamental e necessária, inclusive para se obter um *feedback*. Ela deve ser feita em vista do “replanejamento, ao término do plano em ação” (TURRA, 1992, p. 50).

Essa avaliação é feita

em relação ao próprio plano e suas conseqüências em termos de ensino-aprendizagem, que se processa a avaliação. São, então,

analisadas tanto a afetividade (resultados do ensino-aprendizagem) como a eficiência do plano (qualidade) em seus componentes e inter-relações fundamentais (desde os objetivos até o próprio sistema de avaliação em questão). Por sua vez, essa avaliação é desenvolvida com vistas a corrigir deficiências, sanar dificuldades, etc., e/ou manter condições e processos satisfatórios (TURRA, 1992, p. 50).

A avaliação serve para realimentar o planejamento. Nesta fase, é de fundamental importância o mecanismo de *feedback*. Por *feedback* entende-se:

o processo organizado, pelo qual se faz retroagirem os efeitos (resultados) de um sistema em desenvolvimento sobre as causas (fontes de estimulação), com o propósito básico de assegurar o alcance dos objetivos. Para que ocorra esse mecanismo é necessário coletar dados e interpretá-los (avaliar)” (TURRA, 1992, p. 51).

Através da coleta e da interpretação dos dados, torna-se possível modificar e programar outros objetivos e construir novas estratégias pra melhor executar o planejamento (TURRA, 1992).

O *feedback* é um elemento básico no planejamento de ensino. Através dele pode-se perceber se os objetivos foram ou não atingidos, podendo assim elaborar várias hipóteses a respeito do que realmente ocorreu ou que está ocorrendo, provocando no professor a necessidade de replanejar suas aulas (TURRA, 1992).

O trabalho docente ultrapassa a prática de passar o conteúdo presente no livro didático. Ao estruturar sua aula, o professor sabe que deve planejar atividades que apropriadas para a assimilação dos conteúdos transmitidos. O registro do plano é um suporte, evita o esquecimento do conteúdo preparado para aquela determinada sala. Mesmo porque, o professor que prepara suas aulas, apenas mentalmente, corre o risco de se perder, de não aplicar o que planejou.

As anotações feitas pelo professor devem ser simples e claras. Elas orientam o trabalho. No ato de planejar, o professor descreve a atividade a ser executada, a metodologia a ser utilizada, o material necessário e o tempo que ele precisa para executá-la.

Todo plano de ensino deve ser elaborado de acordo com a realidade da turma onde será aplicado. Por isso, não há possibilidade de fazer cópia de uma turma para outra, de um professor para outro ou mesmo de um ano para o outro.

O plano deve conter os objetivos, o conteúdo a ser trabalhado, as técnicas e os materiais didáticos que serão utilizados claramente definidos, assim também a forma de avaliação utilizada pelo professor para aquela atividade desenvolvida. Ao final, é preciso avaliar se o plano foi executado, se os objetivos foram alcançados, quais lacunas foram deixadas por ele, o que deu certo e o que pode ser melhorado.

A avaliação é fundamental no decorrer e no final da execução do plano e uma das formas de fazê-la é por meio dos alunos, verificando se eles assimilaram ou não o conteúdo ensinado. Mesmo porque, são os resultados dessa avaliação que tornam possível a programação de novos objetivos e novas estratégias, também o replanejamento das aulas que ajuda o professor a não cair no improvisado.

3. O PLANEJAMENTO DE ENSINO NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES CONSULTADOS

Neste capítulo, relataremos e analisaremos a entrevista realizada com a pedagoga da escola (APÊNDICE B) e as respostas ao questionário utilizado na consulta a 12 professores (APÊNDICE A). Destes, 9 eram do sexo feminino e apenas 3 do sexo masculino, cuja faixa etária varia entre 29 a 56 anos.

Questionados sobre o planejamento no cotidiano escolar, 3 professores responderam que utilizam o livro didático na preparação de suas aulas; 1 professor respondeu que utiliza pesquisas em biblioteca, jornais e revistas; 1 respondeu que procura alterar as metodologias de acordo com o perfil de cada turma; 1 professor relatou que deixa algumas atividades de reserva, caso ele precise aplicar mais; 2 professores relataram que utilizam de atividades diversificadas, como por exemplo, textos variados de acordo com o perfil de cada turma, exercícios complementares, leitura e gramática; 5 professores não responderam a questão. Alguns professores relataram usar mais de uma maneira de planejar.

Quanto às dificuldades para planejar atividades, tratadas na terceira questão, 4 professores declararam que não encontram qualquer dificuldade, nem para colocá-las em prática; 8 responderam que às vezes encontram dificuldade. Nenhum professor respondeu que encontram dificuldades e nenhum respondeu que frequentemente encontram dificuldade.

Na quarta questão, os professores relataram algumas dificuldades para colocar suas atividades em prática, 5 deles responderam que a grande dificuldade está na indisciplina dos alunos, na falta de interesse em aprender; 3 colocaram a falta de participação como um dos obstáculos; 1 professor relatou que o livro didático é descontextualizado, não condiz com a realidade dos alunos, ficando difícil preparar atividades específicas contemplando a necessidade de cada turma; 1 professor colocou como dificuldade a falta de recursos, como por exemplo, uma copiadora; 1 professor relatou a defasagem de conteúdo, é preciso retornar sempre nos conteúdos de séries anteriores; 1 professor relatou a dificuldade em preparar atividades diversificadas para suprir as dificuldades dos alunos. Alguns professores colocaram mais de uma dificuldade, dois professores que na 3ª questão disseram

não ter dificuldade, na próxima indicaram a sua dificuldade; dois professores não responderam a 4ª questão.

Segundo a pedagoga, este questionário levou alguns professores a uma boa reflexão em relação ao seu trabalho, ao seu planejamento. Eles foram muito solícitos ao responder as questões.

Observando as respostas do questionário, é possível perceber a grande indisciplina presente na escola. Os alunos parecem não estão interessados em aprender, estão apáticos e muitas vezes os professores não sabem como lidar com a situação vivenciada em sala de aula.

Na questão 2 – Você consegue planejar cada aula no seu cotidiano escolar? De que maneira? – Alguns professores não entenderam que o cotidiano escolar não se reduz ao espaço físico da escola, mas se estende a todos os momentos utilizados para preparar suas aulas.

Durante a entrevista, a pedagoga mencionou que os professores saem das universidades apenas com o conhecimento científico de sua própria disciplina e quando vão para a escola, quando precisam colocar esse conhecimento em prática, encontram uma grande dificuldade, “sobretudo em intermediar aquilo que é proposto pelas Diretrizes Curriculares Estaduais e a realidade vivida pelos alunos” (PED).

Na rede estadual de ensino, os professores têm hora-atividade por disciplina. Eles se reúnem para definir os conteúdos e as atividades que serão desenvolvidos em sala de aula.

A pedagoga mencionou que há professores que procuram seguir somente o livro didático, sem se preocupar em diversificar seu método de ensino e há outros que procuram caminhar conforme o perfil de cada turma. Para ela, essa é uma questão a ser trabalhada, pois é necessário caminhar conforme a aprendizagem dos alunos e não conforme o conteúdo a ser desenvolvido no bimestre.

[...] tem professor que procura caminhar de acordo com a aprendizagem da turma. E têm professores que são, na verdade, conteudistas. Eles seguem, são presos aos conteúdos bimestrais. Pra eles, aquilo tem que ser cumprido à risca, como se fosse uma obrigação (PED).

A partir da entrevista com a pedagoga, é possível perceber quais os professores que entram em sala de aula preparados e aqueles que não se preparam

suficientemente para as suas aulas. Segundo ela, isso é uma falha da equipe pedagógica, que não consegue acompanhar os professores, devido à quantidade excessiva de trabalho que possui.

Porque esses professores que encontram dificuldade em estar planejando pra ir a sala de aula, sejam aqueles professores que só conseguem trabalhar em cima de um livro didático, aqueles professores que a gente percebe que estão despreparados, são esses que mais necessitam de orientação, são esses que mais precisam de um acompanhamento pedagógico. E isso é uma falha nossa, da Equipe. [...] a gente percebe essa necessidade, a gente vê que tem professor que está despreparado, mas nós não temos tempo, pessoas que possam trabalhar bem de perto com esse professor (PED).

Uma pesquisa realizada na Universidade da Califórnia, (BORDENAVE; PEREIRA, 2002) relata cinco tipos de professores: o instrutor ou professor de autômatos; o professor que se concentra no Conteúdo; o professor que se concentra no Processo de Instrução; o professor que se concentra no Intelecto do Aluno; o professor que se concentra na Pessoa Total.

O professor instrutor é aquele que não se preocupa em estimular o senso crítico no aluno. Sua grande preocupação é que o aluno memorize o conteúdo, as explicações, sem nenhum questionamento. O professor é autoridade máxima (BORDENAVE; PEREIRA, 2002).

O professor conteudista é aquele que se preocupa em cumprir sua tarefa de transmitir sistematicamente o conteúdo que lhe é proposto. A sua preocupação consiste em transmitir as matérias de sua disciplina e ajudar os alunos a dominá-las. Não acredita que o conhecimento deve ser construído em conjunto; não compartilha da idéia de que o aluno possa aprender através da discussão da matéria em sala de aula. Para ele, o aluno é aquele que domina totalmente a matéria apresentada em sala de aula ou aprendida nos textos por ele recomendados (BORDENAVE; PEREIRA, 2002).

O professor que prioriza processo de instrução concentra-se em levar os seus alunos a imitarem os seus métodos, impondo-lhes um modelo de raciocínio. “Este professor transmite a impressão de autoridade e de independência que atrai os estudantes, pois favorece o diálogo com eles” (BORDENAVE; PEREIRA, 2002, p. 67).

O professor que se concentra no intelecto está preocupado em “desenvolver as habilidades intelectuais do aluno” (BORDENAVE; PEREIRA, 2002, p.67). Para estes autores, tanto o processo de ensinar como o de aprendizagem deve estar concentrado na atividade racional.

O professor que se concentra na pessoa total tem muito em comum com o tipo de professor anterior, pois ambos se concentram no estudante. A diferença está no fato de que o professor acredita que o desenvolvimento intelectual envolve também outros aspectos da personalidade humana. Para ele, o aluno deve ser considerado como um todo. Assim, o mundo intelectual não pode estar separado da vida do estudante. Se estiver, o crescimento do estudante como ser adulto estará seriamente comprometido (BORDENAVE;PEREIRA, 2002).

Para Bordenave; Pereira (2002),

[...] a opção metodológica feita pelo professor pode ter efeitos decisivos sobre a formação da mentalidade do aluno, de sua cosmovisão, de seu sistema de valores e, finalmente, de seu modo de viver (p. 68).

Para Libâneo (1994), o ensino tradicional apresenta algumas limitações pedagógicas e didáticas. Há professor que se preocupa em transmitir a matéria para que o aluno possa reproduzir mecanicamente o que absorveu. O professor também reproduz o que está no livro didático, o aluno responde ao que ele pergunta e os exercícios que ele propõe. É aqui que ocorre a privação do desenvolvimento das potencialidades cognitivas do aluno e das suas capacidades e habilidades.

O professor, em geral, dá muita importância ao livro didático. A sua preocupação é terminar o livro até o final do ano letivo. O livro didático pode ser importante, mas é desprovido de vida. Cabe ao professor dar vida a ele, usando de criatividade, levando o aluno a estabelecer relações entre o conteúdo aprendido e seus próprios conhecimentos e experiências. “O professor precisa dominar bem a matéria para saber selecionar o que é realmente básico e indispensável para o desenvolvimento da capacidade de pensar dos alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 78-9).

Pelo questionário do professor 10, foi possível perceber sua grande preocupação em utilizar o livro didático. Na segunda pergunta, esse professor relatou que planeja suas aulas: “Como a minha matéria é Língua Inglesa, nós temos

um livro [...] aqui na escola e eu sigo as lições, faço a tradução da lição com os alunos e os exercícios do livro” (P 10).

Quando o professor só se preocupa em transmitir conhecimento, ele não se preocupa em verificar se seus alunos estão aprendendo ou não, se eles estão preparados para aprender matéria nova e se estão tendo alguma dificuldade em compreender o conteúdo ensinado. Com isso, os alunos vão acumulando dificuldades, ano após ano, caminhando assim, para um possível fracasso. O professor deve buscar ligar um novo conhecimento àquele já estudado. “A avaliação deve ser permanente, de modo que as dificuldades vão sendo diagnosticadas aula a aula” (LIBÂNEO, 1994, p. 79).

Na análise das respostas do questionário, percebemos que alguns professores procuram diversificar atividades para que os alunos tenham uma melhor aprendizagem. Há professores que mesmo dando aula em séries iguais procuram diversificar as atividades conforme o perfil da turma. Com isso, não enquadram os alunos em uma única forma de atividade, e ainda procuram meios para que os conteúdos ensinados sejam assimilados pelos mesmos.

Podemos observar isso em alguns relatos dos professores:

Sim, de acordo com o planejamento, deixando sempre duas ou mais aulas na “reserva”, executando-as de acordo com a necessidade contextual da classe (P 12).

Sim. Através de um planejamento, buscando atividades diversificadas para obter um bom resultado (P7).

Sim, geralmente semanal, em horas atividades na escola e em casa, com livros didáticos, textos variados, de acordo com a realidade das turmas (P5).

Há professores que também utilizam atividades extra-classe, como por exemplo, biblioteca, jornais, revistas, como nos relata o P1: “Sim. Através dos livros didáticos, exercícios complementares, pesquisando na biblioteca, em revistas, jornais”.

Segundo a Pedagoga entrevistada, a escola tem o planejamento anual, durante o qual os professores planejam em conjunto. Os professores são divididos por disciplina. Depois, cada professor procura adaptar esse planejamento conforme a necessidade de cada turma.

[...] o professor vai preparar pra cada turma sua, ou seja, pra cada sala de aula que no caso ele assume. É aí quando o professor vai poder caracterizar melhor as dificuldades e planejar de acordo com a real necessidade daquela turma (PED).

Aqui se encontra o problema. Segundo ela, os professores que saem das Universidades e vão para a escola inicialmente não conseguem relacionar teoria e prática, não conseguem perceber a necessidade de sua turma, tendendo a utilizar somente o livro didático como recurso.

Na visão de Bordenave; Pereira (2002), não há um método ideal para todos, não existe uma receita pronta de como ensinar. Por outro lado, McKeachie (*apud* BORDENAVE; PEREIRA, 2002) afirma que o professor precisa conhecer as diferenças de seus alunos. Quanto mais ele as conhece, mais fica motivado a preparar suas aulas utilizando diferentes métodos para que os alunos melhor compreendam o que está sendo ensinado.

Na questão 4 - Caso tenha dificuldades em planejar suas atividades, você poderia descrevê-las? – a maior parte dos professores indicou a indisciplina como obstáculo. Segundo o P2, “nem sempre os alunos estão dispostos a participar das aulas, nem sempre há o envolvimento de toda a sala”.

Declara o P9,

a maior dificuldade é preparar atividades específicas para cada turma, atividades que atendam as dificuldades de cada turma. Os livros didáticos quase sempre trazem atividades descontextualizadas e não adequadas. Além do mais, eles tendem a uniformizar, nivelar todos os alunos, ignorando a classe social, o contexto (rural/urbano; centro/periferia).

Para Haydt (2006), o educador deve estimular e ativar o interesse de seus alunos para melhor aprenderem. Para isso, o professor exerce a função incentivadora e energizante e a função orientadora. A primeira diz respeito ao aproveitamento da curiosidade natural do aluno para nele despertar o interesse e “mobilizar seus esquemas cognitivos (esquemas operativos de pensamento)” A segunda refere-se à orientação em relação ao esforço do aluno em aprender, “ajudando-o a construir seu próprio conhecimento” (HAYDT, 2006, p. 57).

Cabe ao professor, durante sua intervenção em sala de aula e por meio de sua interação com a classe, ajudar o aluno a transformar

sua curiosidade em esforço cognitivo e a passar de um conhecimento confuso, sincrético, fragmentado, a um saber organizado e preciso (HAYDT, 2006, p. 57).

O professor deve ter clareza que além de professor deve ser também educador e como tal tem sua vida norteadas por valores e princípios, os quais, consciente ou inconscientemente, manifestar-se-ão em sala de aula, aos seus alunos. Dessa forma, não podemos restringir a função do professor à transmissão do conhecimento, através da formulação de conceitos, informações e idéias (elementos da esfera cognitiva), mas também como aquele que “facilita a veiculação de ideias, valores e princípios de vida (elementos da esfera afetiva), contribuindo para a formação da personalidade do educando” (HAYDT, 2006 p. 58).

Nas respostas dadas ao questionário, nenhum professor citou o seu método como responsável pela dificuldade encontrada no desenvolvimento das atividades em sala de aula, nenhum citou dificuldade em sua relação com os alunos. Para todos eles, a culpa recai sobre os alunos e na falta de recursos.

O professor P1 citou “a falta de interesse por parte de alguns alunos, a indisciplina, a falta de recursos para conseguir um bom material (Ex: copiadora)”.

Para o professor P11, “as dificuldades talvez ocorram por falta de seriedade, e objetivos por conta dos alunos, pois muitos não estão se importando com os conteúdos, e as disciplinas”.

Diante disto devemos considerar que,

[...] a construção do conhecimento é um processo interpessoal. O ponto principal desse processo interativo é a relação educador-educando. E esta relação não é unilateral, pois não é só o aluno que constrói seu conhecimento. [...] (HAYDT, 2006, p. 58).

Assim como a aluno aprende com o professor, o professor também aprende com o aluno. E esta aprendizagem acontece

na medida em que consegue compreender como este percebe e sente o mundo, e na medida que começa a sondar quais os conhecimentos, valores e habilidades que o aluno já traz de seu ambiente familiar e de seu grupo social para a escola (HAYDT, 2006, p. 58).

Desta forma, o professor passa a conhecer seus alunos, “a conhecer novas formas de conceber o mundo, que são diferentes da sua. Pode também rever comportamentos, ratificar ou retificar opiniões”, ter mudanças de atitudes, mudança de posturas (HAYDT, 2006, p. 58).

Nesse contato interpessoal, o diálogo é de fundamental importância. Diálogo entre o professor que detém o conhecimento científico estruturado, um saber organizado, ideais e valores aceitos pela sociedade, e o aluno com seu saber ainda não sistematizado, com seu conhecimento empírico e que muitas vezes utiliza uma linguagem em conformidade com seu ambiente cultural. “É por meio do diálogo que a relação professor-aluno juntos constroem o conhecimento, chegando a uma síntese do saber de cada um” (HAYDT, 2006, p. 59).

Por isso, é necessário considerar que,

Quando o professor concebe o aluno como um ser ativo, que formula ideias, desenvolve conceitos e resolve problemas de vida prática através da sua atividade mental, construindo, assim, seu próprio conhecimento, sua relação pedagógica muda. Não é mais uma relação unilateral, onde um professor transmite verbalmente conteúdos já prontos a um aluno passivo que os memoriza (HAYDT, 2006, p. 61).

O aluno vai construindo seu próprio conhecimento quando exerce sua atividade mental sobre os objetos que opera mentalmente, quando observa, compara, avalia, julga, classifica, ordena e assim por diante. O professor parte do que o aluno já sabe, dos seus conhecimentos prévios e de suas experiências passadas, para somente depois levá-lo formular novos conhecimentos, cientificamente estruturados e sistematizados. Mas para que isso aconteça é necessário uma relação dialógica entre professor-aluno (HAYDT, 2006).

O depoimento a seguir demonstra a dificuldade do professor em retomar conteúdos para seguir adiante.

Às vezes a indisciplina de alguns alunos atrapalha o andamento das atividades, ou a falta de pré-requisitos, ou melhor, o déficit de conteúdo com que os alunos chegam faz com que a gente tenha que voltar para retomar em vez de seguir em frente. (P3)

Percebe-se que a grande preocupação do professor é estar em dia com o conteúdo e não com a aprendizagem do aluno. O déficit de conteúdos por

parte dos alunos, em sua opinião, atrapalha muito o andamento da sua aprendizagem. Além do mais, muitas vezes, o professor não se preocupa em retomar conteúdos não aprendidos e leva adiante a dificuldade dos alunos, acarretando mais dificuldade.

Os relatos a seguir mostram que alguns professores veem a indisciplina como uma das principais causas de suas dificuldades para colocar em prática seu planejamento:

Às vezes tenho dificuldade de colocar o planejamento em prática dependendo da sala, como por exemplo, em uma sala indisciplinada nem sempre a aula planejada rende e atende as dificuldades individuais. (P5)

Às vezes, por causa da indisciplina, alunos apáticos entre outros. (P8)

Assim como no nosso dia-a-dia, também na escola, na sala de aula, a disciplina é de fundamental importância para o bom desenvolvimento das atividades e da assimilação dos conteúdos ensinados (HAYDT, 2006). Para a autora,

a disciplina escolar é consequência da organização total da escola, isto é, do modo como a escola está organizada, e também o reflexo da relação que se estabelece entre o professor e o aluno (HAYDT, 2006, p. 67).

Para que o aluno adquira boa conduta faz-se necessário promover a disciplina em sala de aula. E para que isso aconteça, ele precisa conhecer e introjetar as normas da escola referentes à disciplina e passe a praticá-las em seu dia-a-dia. Por isso, é importante que o professor crie situações capazes de estimular o aluno a praticar e a vivenciar a autodisciplina na rotina diária de sala de aula (HAYDT, 2006).

Segundo Haydt (2006), quando os alunos discutem e opinam sobre as regras de comportamento a serem seguidas por cada um e por toda a classe, a tendência é aceitá-las e adotá-las com maior facilidade. Quando ele participa há motivação para respeitá-las.

A indisciplina na escola é uma reação do aluno decorrente de seu desinteresse, de sua inadaptação, insatisfação, frustração ou revolta. Atrás de cada caso de indisciplina há um problema a ser analisado e solucionado. O professor pode evitar frustrações, desajustamentos e a conseqüente indisciplina, se considerar as experiências anteriores dos alunos e sua história pessoal de vida, e se tratá-los com compreensão e respeito (HAYDT, 2006, p. 71).

Normalmente, o aluno motivado, envolvido com a aula, participa ativamente do processo ensino-aprendizagem, possui maior capacidade de concentração e em geral, não apresenta problemas de disciplina.

Para que haja uma aprendizagem efetiva e duradoura é preciso que existam propósitos definidos e auto-atividade reflexiva dos alunos. Assim, a autêntica aprendizagem ocorre quando o aluno está interessado e se mostra empenhado em aprender, isto é, quando está motivado. É a motivação interior do aluno que impulsiona e vitaliza o ato de estudar e aprender. Daí a importância da motivação no processo ensino-aprendizagem (HAYDT, 2006, p. 75).

Libâneo (1994) refere-se ao problema da disciplina como uma das dificuldades mais comuns encontradas pelo professor em sala de aula. Ela está ligada ao estilo da prática docente, isto é, “à autoridade profissional, moral e técnica do professor. Quanto maior a autoridade do professor [...], mais os alunos darão valor às suas aulas” (LIBÂNEO, 1994, p. 252).

Libâneo (1994) relata ainda que a autoridade profissional está relacionada ao domínio da matéria e dos métodos utilizados pelo professor para ensinar, e à forma como ele lida com a classe e com as diferenças individuais de cada aluno. Está ligada também à sua “capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho docente” (LIBÂNEO, 1994, p. 252).

“A autoridade moral é o conjunto das qualidades de personalidade do professor: sua dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça, traços de caráter” (LIBÂNEO, 1994, p. 252).

A autoridade técnica refere-se ao “conjunto de capacidades, habilidades e hábitos pedagógico-didáticos necessários para dirigir com eficácia a transmissão e assimilação de conhecimentos aos alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 252). Essa autoridade vem da capacidade que o professor tem para transmitir com segurança tanto os princípios didáticos quanto o método didático que ele utiliza para ensinar a matéria e levar os alunos a compreenderem e assimilarem os conteúdos

ensinados e a “sua relação com a atividade humana e social” (LIBÂNEO, 1994, p. 252) e a aplicarem os conhecimentos adquiridos na prática, desenvolvendo assim, “capacidades e habilidades de pensarem por si próprios” (LIBÂNEO, 1994, p. 252). De fato, cabe ao professor dirigir e orientar sempre a atividade mental de seus alunos, levando-os a serem pessoas conscientes, ativas e autônomas na sociedade em que vivem.

Além dessas características do professor, “um bom plano de aula, onde estão determinados os objetivos, os conteúdos, os métodos e procedimentos de condução da aula” (LIBÂNEO, 1994, p. 253) contribui também com a disciplina na sala de aula; é necessário suscitar a motivação os alunos para estimular a aprendizagem; controlar essa aprendizagem através da avaliação do rendimento escolar; assegurar um ambiente escolar agradável ao ensino, controlando, inclusive, “as ações e o comportamento dos alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 253).

Além de determinar o que farão o professor e os alunos no período escolar, o plano de aula regula a distribuição do tempo, a passagem planejada de uma atividade para a outra. Dessa forma, o professor e os alunos como que antecipam o andamento sistemático da aula, reduzindo as interferências, as conversas inadequadas e as desobediências (LIBÂNEO, 1994, p. 253).

A motivação dos alunos é de fundamental importância, dentro de uma sala de aula, pois se eles estiverem envolvidos com as atividades, sobrarão pouco tempo para a distração e a indisciplina.

O professor deve controlar a aprendizagem de seus alunos e isso requer, além do que já foi dito acima, o acompanhamento das atividades dos alunos. O professor deve não apenas aplicar atividades aos seus alunos, mas também ajudá-los a realizá-las.

O controle sem ajuda pode provocar insegurança nos alunos, que às vezes se sentem cobrados a um desempenho para o qual não foram suficientemente preparados. Por outro lado, a ajuda sem controle não estimula os alunos a progredir e vencer as dificuldades (LIBÂNEO, 1994, p. 253).

Um outro importante item é a necessidade de normas para um bom funcionamento da classe. “Tais normas não devem ser tomadas como o único meio

de controle da classe, como fazem muitos professores inseguros, mas como síntese de requisitos anteriores” (LIBÃNEO, 1994, p. 253).

Não é muito comum encontrar professores que avaliem seus métodos de ensino e frequentemente atribuem a culpa de seu fracasso em sala de aula à indisciplina dos alunos. Uma séria avaliação voltada à autoridade profissional, moral e técnica do professor, à capacidade para rever suas atitudes em relação ao seu ensinar, poderia resolver grande parte do problema da indisciplina.

Por meio dos questionários e da entrevista realizada, foi possível constatar que a maior preocupação dos professores está em transmitir o conteúdo proposto, sem se preocupar com a assimilação de seus alunos. Infelizmente, há ainda professores que improvisam suas aulas, não elaboram seus planos, não se preocupam se os alunos estão aprendendo, assimilando ou não os conteúdos. E o único material utilizado, por muitos desses professores, é o livro didático.

Os professores criticam seus alunos por não mostrarem interesse em aprender, por atrapalhar suas aulas. Por outro lado, também eles não buscam novas metodologias para tentar modificar esta realidade. Na verdade, um culpa o outro pelo fracasso escolar. O que observamos é que o professor, muitas vezes, mesmo planejando, não consegue dar aula, devido à indisciplina, e o aluno por sua vez, reclama da metodologia utilizada pelos professores.

Pelos estudos realizados foi possível perceber que o professor não pode ser conteudista. Mesmo utilizando o livro didático, ele deve ser criativo, pois o livro por si só não tem vida. Cabe a ele levar o aluno a estabelecer relações entre o conteúdo ensinado com o conhecimento por ele já adquirido ao longo de sua vida. O professor deve estar atento para verificar se o aluno está assimilando ou não o conteúdo ensinado e procurar estimulá-lo cada vez mais a aprender. O conhecimento da realidade do aluno ajuda o professor a sentir-se mais motivado para ensinar e a buscar novas estratégias para ensinar, para melhorar o índice de assimilação do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após entrevistar vários professores da rede estadual de Educação do Estado do Paraná, do município de Tamarana, foi possível detectar que grande parte deles apresenta dificuldade na elaboração e desenvolvimento do planejamento escolar no seu dia-a-dia. Essa dificuldade corrobora a pertinência da nossa pesquisa. Limitamo-nos, porém, ao trabalho dos professores em sala de aula, na forma como eles planejam suas atividades e como elas são aplicadas, sem entrar em detalhes no contexto específico da escola.

A constatação dessas dificuldades permitiu-nos estabelecer o problema que constitui o objeto de nossa pesquisa, aqui delineado pela indagação: Quais as dificuldades encontradas pelos professores de 5ª a 8ª séries da Rede Pública de Tamarana na elaboração e desenvolvimento de seu planejamento de ensino? E foi esta indagação, eixo norteador do nosso estudo, que buscamos responder.

Tendo analisado as dificuldades encontradas pelo grupo de professores, envolvidos na pesquisa, em elaborar um planejamento de ensino e aplicá-lo em seu dia-a-dia enfatizando a importância do planejamento para o trabalho docente, consideramos que nosso objetivo foi atingido, visto que a hipótese inicial sobre a existência de dificuldades em planejar atividades e aplicá-las em sala de aula foi corroborada.

O aprofundamento teórico acerca do planejamento de ensino contribuiu para que também o primeiro objetivo específico estabelecido fosse atingido mediante a pesquisa de vários autores que versam sobre o assunto. E quanto ao segundo objetivo, pudemos verificar, através dos questionários respondidos a concepção do planejamento de ensino para os professores.

Para alcançar o terceiro objetivo, buscamos verificar as dificuldades encontradas pelos professores em preparar suas aulas e, ainda mais, em aplicá-las em sala de aula. Uma destas dificuldades diz respeito à indisciplina, hoje tão discutida no âmbito escolar.

O quarto objetivo, que tratou da importância do planejamento para os professores, deixou claro que o trabalho desse profissional não pode ser

improvisado e para isso precisa preparar suas aulas a fim de desenvolver melhor suas atividades.

Ao final deste estudo, buscamos tecer outras considerações sobre a importância do planejamento realizado pelos professores antes de iniciar suas atividades em sala de aula. Ao planejar, o professor deve levar em conta inúmeras questões, dentre elas, a realidade de seus alunos, a linguagem que eles utilizam no seu cotidiano, o seu interesse escolar e a forma de envolvê-lo no conteúdo a ser ensinado no decorrer do ano letivo.

As dificuldades encontradas pelos professores para desenvolver seu trabalho em sala de aula ficaram evidentes e na maioria das vezes culpam seus alunos pelo fracasso. Apresentam dificuldades para motivá-los, prender sua atenção. Preocupam-se excessivamente em desenvolver o conteúdo programado e muito pouco com a assimilação dos mesmos pelos alunos.

Sem dúvida, há urgência na mudança de comportamento dos alunos, mas mais urgente pareceu-nos a mudança na concepção dos professores frente às dificuldades encontradas no ambiente escolar, embora tenha ficado claro que a culpa não é do professor, grande parcela desta culpa cabe também à sociedade. De qualquer forma, é preciso buscar alternativas para trabalhar a indisciplina dentro da escola, mais especificamente na sala de aula.

É necessário que os professores façam uma auto-avaliação de como planeja suas aulas e domina o conteúdo a ser ensinado. De fato, em muitos casos, o aluno reconhece a autoridade do professor pelo domínio que ele tem do conteúdo e pela forma como ele o desenvolve. O professor seguro de sua autoridade e do conteúdo de sua disciplina desperta segurança também na aprendizagem dos alunos, proporcionando a eles alternativas que prendam a atenção no momento em que estão aprendendo, mesmo porque, com a busca de alternativas variadas é possível criar novas formas de ensinar e de aprender.

Este trabalho representou, para nós, um significativo aprendizado. Em seu percurso, deparamos com algumas dificuldades, o que não nos impediu de procurar realizá-lo da melhor forma e embora estejamos cientes dos seus limites, trata-se de um estudo que aponta para um pretense aprofundamento no curso de pós-graduação.

Este trabalho foi muito importante para nossa formação, reúne informações sobre o assunto coletadas ao longo do curso e certamente poderá contribuir para nossa inserção no ambiente escolar, quando assumirmos a responsabilidade de orientar professores no processo de elaboração do planejamento escolar. Contudo, um ensino de qualidade exige o trabalho coletivo, de diretores, pedagogos, professores e funcionários, todos em busca do mesmo objetivo em vista do bom desenvolvimento escolar.

REFERÊNCIAS:

AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, Anna Rachel. **O Ensino como Trabalho**. Uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 37-53.

AZZI, Sandra. Trabalho Docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 35-60.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de Ensino-Aprendizagem**. 24. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CARDOSO, Jarbas José. **Planejamento na Escola: O Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br>>. Acesso em 30/07/2007.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1996. p. 105 – 125.

DALMÁS, Ângelo. **Planejamento Participativo na Escola: Elaboração, acompanhamento e avaliação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 15 – 34.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como Prática Educativa**. 9. ed., São Paulo: Loyola, 1997.

GARCIA, Maria Manuela Alves; HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. **As identidades docentes como fabricação da docência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 17 jan 2009.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. 8. ed., São Paulo: Editora Ática, 2006.

KARLING, Argemiro Aluísio. **A Didática Necessária**. São Paulo: IBRASA, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUNA, Sérgio V. de. O falso conflito entre tendências metodologias. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia e pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 21-33.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

RICHARDSON, Roberto Jarry; SOUZA, José Augusto de. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim (Coord.) PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TURRA, Clódia Maria Godoy et al. **Planejamento de Ensino e Avaliação**. 11. ed., Porto Alegre: Sagra, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Caro colega,

Este questionário faz parte da minha coleta de dados para a realização do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), no curso de Pedagogia da UEL, que desenvolvo sob orientação da Professora Maura Morita Vasconcellos. O título do meu trabalho é *O Planejamento de Ensino na Organização do Trabalho Docente: dificuldades e possibilidades na perspectiva de professores de 5ª a 8ª séries de uma escola pública de Tamarana*. O objetivo é identificar e analisar as dificuldades encontradas pelos professores da Educação Básica da Rede Pública na elaboração e aplicação do planejamento de ensino no cotidiano escolar.

Para tanto, agradeço sua colaboração, que é muito importante.

Sueli Ulian Mendes

1. Dados pessoais:

Sexo: () masculino () feminino

Idade: _____

Graduação: _____

Especialização: _____

2. Você consegue planejar cada aula no seu cotidiano escolar? De que maneira?

3. Você encontra dificuldades em planejar suas atividades de ensino e colocá-las em prática?

sim não às vezes frequentemente

4. Caso tenha dificuldades, você poderia descrevê-las?

APÊNDICE B

Entrevista Pedagoga

1. Você considera que os professores de 5^a a 8^a séries têm algum problema em relação ao planejamento de ensino?
2. Como você vê o planejamento escrito, entregue e a aplicação deste na sala de aula?
3. Na sua percepção, os professores realmente planejam sua aulas?